

## EDITORIAL

O neoplatonismo é uma escola da filosofia tardo-antiga (séculos III-VI), inspirada nos diálogos de Platão, que procurou elaborar uma síntese da filosofia antiga. Apesar de alguma controvérsia, Plotino é comumente considerado o fundador desta escola (c. 205-270) e pese embora a originalidade do seu pensamento, consagrado nos tratados das *Enéadas*, o próprio filósofo pretendia não mais do que divulgar e reconstituir fielmente a filosofia platónica. Aliás, o próprio termo «Neoplatonismo» remonta apenas ao século XVIII e os filósofos neoplatónicos tomavam-se a si próprios como simplesmente «platónicos». E se a cunhagem do termo «Neoplatónicos» foi acompanhada de uma visão pejorativa daqueles filósofos, na medida em que as suas interpretações de Platão foram tidas como adulterações do pensamento do mestre, o conceito de «Neoplatonismo» reganha, no debate contemporâneo, uma conotação filosoficamente neutra, para dar conta de uma corrente coesa e original de pensamento e com uma influência vigorosa, muitas vezes esquecida, em diferentes momentos da história da filosofia. Deste ponto de vista, o adjectivo «neoplatónico» vem predicar, não apenas a escola, temporalmente bem delimitada, que alberga o pensamento de autores como Plotino, Porfírio, Proclo, Jámblico e Damáscio, mas um paradigma filosófico que se instancia em múltiplas expressões da história da filosofia, desde a Idade Média, até aos nossos dias.

O presente número da revista *Philosophica* reúne justamente um conjunto de estudos que dão conta da continuidade do paradigma neoplatónico no decurso da história da filosofia.

Deste modo, o número inaugura-se com o estudo de António Joaquim Rocha Martins, intitulado «Neoplatonismo Político Medieval: Receção de Proclo», onde o autor procura recensar o contributo dos *Elementos de Teologia* de Proclo para a definição das posições de filosofia política medieval, desafiando, assim, uma certa concepção acerca do neoplatonismo que lhe retira relevo no campo da política.

O ensaio de Paulo Borges, «‘[...] de olhos abertos não viu nada, e este nada era Deus’. A visão/experiência de Deus em Mestre Eckhart» recupera um dos principais representantes medievais da filosofia neoplatónica, debruçando-se sobre a própria concepção do primeiro princípio como «nada», relembando a posição plotiniana, segundo a qual a causa do ser, não pode ser um ser, em virtude da distinção entre causa e efeito.

Maria Luísa Ribeiro Ferreira, no seu artigo «Cudworth, um filósofo em contra corrente», intenta, por seu turno, relevar o carácter místico da síntese filosófica que o autor moderno concretiza a partir de diferentes tradições da filosofia antiga e moderna, bem como da doutrina da Cabala.

Se a relevância, à primeira vista inusitada, do neoplatonismo para a filosofia política é advogada no artigo que abre este número, Nuno Ornelas Martins toma em mãos o projecto de avaliar o contributo dos Platónicos de Cambridge para o pensamento daquele que é considerado o fundador da ciência económica moderna – Adam Smith. «Adam Smith and the Cambridge Platonists» desafia, por via do diálogo de Smith com os Platónicos de Cambridge e com as críticas que estes teceram relativamente a Hobbes, a concepção de uma sociedade exclusivamente fundada em interesses individuais e, conseqüentemente, a própria consagração de Adam Smith como pai da economia moderna.

Em «Sobre a Interpretação do Neoplatonismo por Hegel», Diogo Ferrer explora o contributo de Hegel para o reflorescimento dos estudos neoplatónicos no seu tempo, o modo como o neoplatonismo influenciou temas mores da sua própria filosofia e finalmente as interpretações de Plotino e Proclo nas suas famosas *Licções de História da Filosofia*.

No artigo «A presença de Plotino no pensamento de Henri Bergson: arqueologia de uma relação», Magda Costa Carvalho aborda o pensamento de um dos principais responsáveis pela revivescência do neoplatonismo na filosofia francesa: Henri Bergson. A partir dos conceitos de alma, simpatia e causalidade, a autora avalia a influência do pensamento de Plotino no pensamento do filósofo francês.

Martin Heidegger constitui o objecto de estudo do artigo de Oscar Federico Bauchwitz: «Heidegger e o Neoplatonismo». Nele, o autor procura evidenciar a presença omissa de fontes do neoplatonismo medieval cristão na metafísica heideggeriana, ao mesmo tempo que mostra como uma concepção do ser de matriz neoplatónica se evadiria à crítica que Heidegger desfere contra uma suposta orientação onto-teológica de toda a história da metafísica.

O presente número encerra-se, por fim, com o estudo de António Rocha Martins sobre Pierre Hadot: «Receção do Neoplatonismo em Pierre

Hadot». Pierre Hadot, simultaneamente filósofo e historiador da filosofia, reconstitui uma visão do neoplatonismo que imbrica na sua própria visão da filosofia como exercício da história da filosofia.

Os oito artigos aqui publicados são uma selecção de trabalhos apresentados no Seminário Internacional sobre as «Recepções do Neoplatonismo no Pensamento Ocidental», em 2012. O evento inseriu-se num conjunto de iniciativas, promovidas por Leonel Ribeiro dos Santos, que procuraram actualizar o estado da arte da investigação sobre neoplatonismo no panorama da Academia portuguesa, tendo sido na altura estabelecidas parcerias com diversas instituições internacionais como a *International Society for Neoplatonic Studies* e a *Sociedade Ibero-Americana de Estudos Neoplatónicos*.

*Filipa Afonso*